

**DIADORIM: LUZ E SOMBRA, SOL E LUA  
– O HÁPTICO ACARICIA O SERTÃO**

*Alessandra Moura Bizoni (UERJ)*

[alebizoni@yahoo.com.br](mailto:alebizoni@yahoo.com.br)

*Carlinda Pate Nunez (UERJ)*

[nunez@unisys.com.br](mailto:nunez@unisys.com.br)

Em linguagem mítica e mágica, a figura nebulosa de Diadorim funciona na obra *Grande Sertão: Veredas* de João Guimarães Rosa (1956) como índice de ambiguidade e também da revelação alcançada através da morte. A partir do estudo de Tereza Virgínia Ribeiro Barbosa a respeito das “mulheres vestidas de sol” (metáfora relacionada a Medeia, mas que se projeta na Virgem Maria e numa linhagem de figuras femininas da América Latina ligadas ao sagrado, 2011), o artigo analisa a figura de Diadorim, fio central do romance. Na perspectiva das transferências culturais, a personagem enigmática criada por Rosa oscila entre luz e sombra, o sol e a lua. Para dar conta da complexidade da relação que se estabelece entre Riobaldo e Diadorim, é operatória a noção de háptico, que Didi-Hubermann definiu como “quase-carícia” (1985).